

CINEMA, CAPOEIRA E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO ENSINO SUPERIOR[1]

CINEMA, CAPOEIRA AND ANTI-RACIST EDUCATION: A FORMATIVE EXPERIENCE IN HIGHER EDUCATION

Danielle Lima e Souza[2] Maria de Lourdes Gonçalves dos Santos[3]
George Ivan da Silva Holanda[4]

RESUMO

Este artigo relata uma ação do projeto de extensão universitária “Tela em Debate”, realizada na Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Itumbiara, em parceria com o Projeto *Màrìwò*, a partir da exibição do filme *Besouro*. O estudo analisa as potencialidades pedagógicas do cinema e da capoeira como ferramentas para a formação crítica e a educação antirracista no curso de Educação Física. Metodologicamente, caracteriza-se como relato de experiência, articulando vivências extensionistas a referenciais teóricos sobre racismo estrutural, corporeidade, memória e cultura afro-brasileira. Os resultados indicam que a experiência favoreceu reflexões sobre o corpo negro, a capoeira e as formas históricas de resistência, ampliando sua compreensão para além de abordagens exclusivamente técnicas. Como limitações, destacam-se o tempo reduzido da ação e a ausência de instrumentos complementares de avaliação. Ressalta-se, portanto, a importância da continuidade de ações formativas que valorizem as práticas corporais afro-brasileiras e contribuam para o enfrentamento do racismo no ensino superior.

Palavras-chave: cinema, corpo, capoeira, educação antirracista, extensão universitária.

ABSTRACT

This article reports on an action carried out by the university extension project “Tela em Debate” at the State University of Goiás, Itumbiara University Unit, in partnership with the *Màrìwò* Project, based on the screening of the film *Besouro*. The study analyzes the pedagogical potential of cinema and capoeira as tools for critical

[1] Recebido em 24/08/2025. Aprovado em14/09/2026. DOI: doi.org/10.5281/zenodo.23917698
[2] Universidade Estadual de Goiás. danielle.85@aluno.ueg.br
[3] Universidade Estadual de Goiás. maria.669@aluno.ueg.br
[4] Universidade Estadual de Goiás. george.holanda@ueg.br



education and anti-racist education in Physical Education. Methodologically, it is characterized as an experience report, articulating extension experiences with theoretical frameworks on structural racism, corporeality, memory, and Afro-Brazilian culture. The results indicate that the experience fostered reflections on the Black body, capoeira, and historical forms of resistance, expanding their understanding beyond exclusively technical approaches. The limitations include the short duration of the activity and the absence of complementary assessment instruments. Therefore, the continuity of formative actions that value Afro-Brazilian bodily practices and contribute to addressing racism in higher education is emphasized.

Keywords: cinema, body, capoeira, anti-racist education, university extension.

INTRODUÇÃO

A extensão universitária constitui um dos espaços de articulação entre universidade e sociedade (Síveres, 2013). Na Universidade Estadual de Goiás (UEG), a extensão integra o processo formativo dos discentes e fortalece essa relação interna e externa por meio da aplicação do conhecimento acadêmico em diferentes contextos sociais (Universidade Estadual de Goiás, 2023). Essa dimensão aparece no projeto de extensão “Tela em Debate: Cinema, Sociedade e Transformação”, concebido como espaço de diálogo, reflexão e formação no curso de Educação Física da Unidade Universitária de Itumbiara (UEG UnU Itumbiara).

Entre as possibilidades de atuação extensionista encontra-se a utilização de produções cinematográficas. Para tal projeto, parte-se da compreensão de que o cinema constitui uma linguagem capaz de apresentar dimensões da realidade social, cultural e política, permitindo problematizar questões relacionadas ao contexto histórico no qual as obras são produzidas e recebidas (Alves, 2010; Napolitano, 2011).

Ferreira (2018) argumenta que o trabalho educativo com filmes pode ultrapassar a perspectiva do entretenimento, transformando a obra cinematográfica em objeto de análise e reflexão pedagógica. Com isso, o audiovisual pode favorecer a articulação entre as narrativas apresentadas e as experiências dos sujeitos. É nesse sentido que a utilização do cinema pode ser pensada a partir da noção de experiência, pois o contato com produções fílmicas aproxima-se de um acontecimento formativo



que atravessa o sujeito, produzindo sentidos e significados que podem reverberar em sua vida (Bondía, 2002).

Estudos mais recentes ampliam essa discussão ao relacionar diretamente cinema e educação antirracista[5]. Nóbrega (2023), ao analisar o filme *M8 - Quando a Morte Socorre a Vida* (2020) e o documentário *Menino 23 - Infâncias Perdidas no Brasil* (2016), identifica, na linguagem cinematográfica, possibilidades de compreensão e problematização do racismo estrutural e de questões relacionadas às relações raciais. Benatti e Teruya (2022), por sua vez, discutem os saberes estético-corpóreos presentes no filme *Alma no Olho* (1973), destacando possibilidades pedagógicas do movimento Cinema Negro[6] para a educação antirracista.

Essa discussão torna-se especialmente relevante quando o cinema coloca em cena corpos marcados por relações raciais. Gomes (2003), ao abordar a educação, identidade negra e a formação de professores, chama atenção para a importância da corporeidade e para as representações construídas sobre o corpo negro nos processos educativos[7].

É nesse contexto que se desenvolveu o projeto de extensão “Tela em Debate: Cinema, Sociedade e Transformação”. Conforme apresentado no Quadro 1, a ação extensionista possuiu em sua estruturação sessões fílmicas seguidas de debates

[5] Para Ribeiro (2019), a educação antirracista vai muito além de ações pontuais, exigindo uma transformação estrutural e curricular que rompa com o viés eurocêntrico e resgate as referências intelectuais e históricas da população negra. A autora defende que as instituições de ensino, como a escola, as universidades, precisam reconhecer o racismo como um sistema de opressão institucionalizado, valorizar saberes plurais e engajar gestores e educadores em um compromisso ético e prático voltado para a equidade e a reparação social.

[6] Cinema Negro, um cinema que não é apenas caracterizado por produções que possuem como temática centralizadora o racismo, mas um cinema que reconhece e afirma as subjetividades negras, e que desmonta todo tipo de estereótipo construído sobre as populações negras no ocidente e, por esse motivo, é um cinema antirracista (Benatti; Teruya, 2022).

[7] Ademais, a realização da ação justifica-se legalmente e institucionalmente pelo cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos estabelecimentos de ensino, constituindo-se como um dispositivo prático para integrar a temática racial de maneira transversal na formação universitária e superar perspectivas eurocêntricas. Do ponto de vista ético, o projeto e suas intervenções estão garantidos e em conformidade com os preceitos éticos para pesquisa com seres humanos, encontrando-se amparados pelo parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás (CEP/UEG) sob o número 8.386.868.



orientados como estratégia pedagógica, estética e experiencial para promover reflexões críticas sobre diferentes problemáticas presentes na sociedade contemporânea.

Quadro 1 - Filmes exibidos e temáticas abordadas.

FILME	**TEMA DEBATIDO**
Besouro (2009)	Cultura afro-brasileira, identidade e resistência
O Show de Truman (1995)	Mídia, vigilância e construção da realidade social
Bacurau (2019)	Desigualdade social, violência e resistência coletiva
Mentes Perigosas (1995)	Educação, desigualdade social e prática docente
O Túmulo dos Vagalumes (1988)	Guerra, sofrimento humano e vulnerabilidade social

Fonte: Elaborado pelos autores.

Embora o projeto tenha abrangido cinco obras, o presente estudo concentra-se na primeira intervenção, a partir da exibição de *Besouro*[8] (2009). Sem a intenção de hierarquizar a importância dos debates suscitados pelos filmes, o recorte justifica-se pelo foco do texto em salientar as possibilidades de articulação entre cinema, corpo, movimento, capoeira, relações étnico-raciais e educação antirracista.

A capoeira torna a obra particularmente significativa para a Educação Física. Machado *et al.* (2023) analisam *Besouro* a partir dessa prática corporal, destacando o corpo como agente dos processos educativos. Assim, o corpo representado no filme ultrapassa a dimensão estética, constituindo-se como espaço de movimento, aprendizagem, transmissão de saberes e resistência. Essa perspectiva dialoga com Gomes (2003), para quem o corpo negro constitui importante dimensão na construção da identidade e nos processos educativos.

Ao mesmo tempo, discutir o corpo negro implica discutir as relações sociais e históricas que atravessam sua representação, pois compreende o racismo estrutural como fenômeno relacionado à própria estrutura social, política e econômica, não podendo ser reduzido a manifestações individuais de preconceito (Almeida, 2019).

[8] O filme *Besouro* (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff, retrata a trajetória de Manoel Henrique Pereira, conhecido como Besouro Mangangá, personagem histórico da capoeira baiana envolto em narrativas míticas. Ambientada no Recôncavo Baiano do período pós-abolição, a obra aborda temas como resistência negra, capoeira, religiosidade afro-brasileira e luta contra a opressão social (Machado *et al*., 2023).



No campo educacional, Cavalleiro (2024) reúne discussões sobre formação de educadores, relações raciais, valorização das raízes africanas e enfrentamento do racismo no cotidiano educacional. A educação antirracista, portanto, pressupõe mais do que a inclusão pontual de conteúdos sobre a população negra. Envolve problematizar desigualdades, combater discriminações e valorizar conhecimento e referências culturais afro-brasileiras.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo relatar e analisar criticamente a primeira intervenção do projeto de extensão, realizada a partir da exibição do filme *Besouro*, discutindo as possibilidades do cinema como experiência formativa para iniciar, em uma ação extensionista, a problematização do corpo negro, da capoeira, do racismo, da resistência cultural e da educação antirracista.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como relato de experiência que, para Mussi, Flores e Almeida (2021), constitui uma modalidade de produção do conhecimento que parte de uma vivência acadêmica e/ou profissional, podendo estar vinculada às ações de ensino, pesquisa ou extensão. Sua característica central é a descrição da intervenção acompanhada de embasamento científico e reflexão crítica, de modo que a experiência vivida não seja apresentada apenas como uma sequência de acontecimentos, mas como objeto de análise e produção de conhecimento.

Nesse sentido, os autores destacam a importância de articular a experiência próxima, correspondente à vivência propriamente dita, à experiência distante, na qual os acontecimentos são intencionalmente compreendidos, problematizados e interpretados com apoio teórico-metodológico. Para tanto, propõem que o relato seja constituído por descrições informativa, referenciada, dialogada e crítica, possibilitando, respectivamente, caracterizar a experiência, fundamentar suas ações, estabelecer diálogos com a literatura e produzir uma análise reflexiva sobre seus limites, potencialidades e aprendizagens (Mussi; Flores; Almeida, 2021).



Assim, neste estudo, a primeira intervenção do projeto “Tela em Debate: Cinema, Sociedade e Transformação” é compreendida não apenas como uma atividade extensionista a ser descrita, mas como uma experiência formativa a ser analisada criticamente, buscando compreender as possibilidades e os sentidos produzidos a partir da utilização do cinema como dispositivo de diálogo e problematização de questões relacionadas ao corpo negro, à capoeira, ao racismo, à resistência cultural e à educação antirracista.

O projeto extensionista foi desenvolvido no curso de Educação Física na UEG UnU Itumbiara. As atividades foram estruturadas em encontros presenciais destinados à exibição de filmes, seguidos de debates orientados por professores convidados e mediados por monitores do projeto, visando o protagonismo discente, tanto dos extensionistas quanto dos participantes nas discussões das sessões. A organização contemplou divulgação interna e externa, formação inicial dos monitores, planejamento das sessões, que incluíam desde a seleção de filmes até os textos científicos utilizados na roda de conversa.

Na intervenção analisada neste artigo, a escolha do filme *Besouro* foi decidida em parceria com os bolsistas, os monitores e o coordenador do Projeto de extensão *Màrìwò*, voltado à valorização da cultura afro-brasileira, especialmente por meio da capoeira. Também participaram docentes do curso de Educação Física e membros da comunidade externa, totalizando 30 participantes. A ação ocorreu em 11 de junho de 2025, com duração aproximada de três horas, sendo 1h30 destinada à exibição do filme e 1h30 ao debate.

A organização da atividade foi orientada por uma perspectiva dialógica (Freire, 1987, 2013). Após a exibição, os participantes foram convidados a compartilhar suas percepções, experiências e pensamentos relacionados às questões apresentadas pelo filme, processo que era mediado principalmente pelos bolsistas do projeto.



RESULTADOS E DISCUSSÃO: CINEMA E EXPERIÊNCIA FORMATIVA NO PROJETO “TELA EM DEBATE”

A ação extensionista evidenciou o potencial da linguagem cinematográfica como mediadora de discussões sociais, culturais e educacionais, favorecendo análises e problematizações críticas (Ferreira, 2018; Napolitano, 2011) articuladas aos processos formativos (Alves, 2010). Nesse contexto, a exibição de *Besouro* integrou uma proposta extensionista que articulou filme, leitura, mediação e diálogo.

A experiência com *Besouro* permitiu perceber essa possibilidade de maneira concreta. A narrativa do filme apresentou aos participantes questões relacionadas ao corpo negro, à capoeira, à violência racial e às formas históricas de resistência da população negra, produzindo um campo comum de reflexões sobre a cultura afro-brasileira.

Nesse sentido, a experiência cinematográfica não funcionou apenas como suporte para a transmissão de conteúdos previamente definidos, mas como dispositivo disparador de perguntas e interpretações (Napolitano, 2011). A roda de conversa possibilitou aprofundar, compartilhar e problematizar os sentidos produzidos a partir da experiência com o filme (Bondía, 2002).

Besouro, corpo negro, capoeira e memória

No debate realizado após a apreciação do filme *Besouro,* a capoeira foi identificada como elemento central para compreender o ensino de conhecimentos corporais entre mestre e aprendiz. Machado *et al*. (2023) analisam essa relação e destacam o corpo como agente do processo educativo, no qual se aprende e se ensina por meio do movimento, da observação, da repetição e da relação com o outro. Essa compreensão amplia a capoeira para além da dimensão técnica, reconhecendo no movimento corporal aspectos de memória, experiência, pertencimento e construção da identidade negra (Gomes, 2003).

Assim, a leitura da obra Besouro exige considerar a distância entre a representação cinematográfica e a trajetória histórica de Manuel Henrique Pereira (o



Besouro enquanto sujeito histórico). Vasconcelos, Xavier e Cunha (2025) mostram que sua memória permaneceu viva em rodas de capoeira, músicas, narrativas orais, cordéis, lendas e obras de ficção, sendo transformada em uma figura carregada de significados culturais e políticos da história brasileira. Nesse sentido, a discussão permitiu problematizar como a figura de Besouro ultrapassa os limites de seu próprio tempo histórico e como sua representação cinematográfica não é neutra, uma vez que participa do processo de reinterpretação da memória do capoeirista (Machado *et al*., 2023).

A discussão sobre representação realizada após a exposição do filme também exigiu considerar relações de poder. Discutiu-se com o grupo que em *Besouro*, o corpo negro não é reduzido à condição de objeto de violência, ele aparece como corpo que age, aprende, luta, se movimenta e produz resistência (Benatti; Teruya, 2022). Também se mostrou necessário considerar os lugares sociais a partir dos quais os sujeitos suas narrativas e têm seus conhecimentos reconhecidos. Essa reflexão contribui para compreender o antirracismo como prática que exige reconhecer e enfrentar os mecanismos de reprodução do racismo (Ribeiro, 2017; 2019).

Assim, o debate não se limitou a questionar como o corpo negro é representado em *Besouro*, mas também problematizou quais narrativas sobre a experiência negra historicamente alcançaram legitimidade e quais foram silenciadas ou marginalizadas. Para a Educação Física, essa leitura amplia a compreensão das práticas corporais ao reconhecer que o corpo ultrapassa a dimensão física e é constituído também por aspectos culturais, históricos e sociais. Essa perspectiva é relevante para a formação de futuros profissionais da Educação Física.

Da capoeira criminalizada à capoeira contemporânea: cultura, ancestralidade e religiosidade

Outro ponto importante do debate pós-filme foi a compreensão de que a capoeira exige atenção à sua historicidade. Assunção e Mestre Cobra Mansa (2008) contribuíram para essa discussão ao refletirem sobre a presença de africanos e



crioulos na capoeira documentada no século XIX e ao problematizarem as tentativas de estabelecer uma origem única para essa prática.

Assim, problematizou-se a partir das reflexões e perguntas dos participantes da ação extensionista como a capoeiragem praticada no período de vida retratado em *Besouro* estava inserida em contexto de criminalização e repressão estatal (Vasconcelos; Xavier; Cunha, 2025). Uma das reflexões suscitadas pelos extensionistas foi como a capoeira constituía prática artística e cultural das camadas populares e cenário de resistência e afirmação identitária da população negra. A partir disso, o debate se concentrou em perceber como os conflitos apresentados em *Besouro* precisam ser relacionados às condições sociais em que a prática corporal negra era produzida.

A prática, historicamente associada à marginalização e à criminalização, passou a ocupar espaços institucionais, educativos e culturais. Essa mudança, contudo, não significou o apagamento de sua trajetória histórica de resistência, construída em contextos de escravização, marginalização e criminalização da população negra. Permaneceram dimensões relacionadas ao corpo, à musicalidade, à memória, à coletividade e à resistência (Assunção; Mestre Cobra Mansa, 2008).

Nesse processo, alguns comentários oriundos dos alunos geraram a necessidade de distinguir institucionalização de descaracterização. Valendo-se de Silva *et al*. (2023), levou-se para a intervenção a discussão sobre os desafios enfrentados por professores de Educação Física ao levarem a capoeira para o ambiente escolar e problematizar tentativas de silenciamento da manifestação a partir de preconceitos, mobilizando o conceito de racismo religioso e problematizando os preconceitos dirigidos às referências culturais e religiosas de matriz africana em diferentes tradições da capoeira.

Outro ponto de destaque no debate levantado pelos monitores do projeto disse respeito à presença da religiosidade nas narrativas sobre *Besouro*. Essa dimensão precisa ser compreendida historicamente, considerando os registros que relacionam a trajetória do capoeirista à espiritualidade, à mandinga e à proteção do



corpo (Vasconcelos; Xavier; Cunha, 2025). As reflexões corroboraram o entendimento de que isso não reduz a capoeira a uma prática religiosa, mas evidencia que, nas memórias construídas sobre *Besouro*, corporeidade, espiritualidade, cultura e resistência aparecem inter-relacionadas.

A relação entre capoeira, religião e Educação Física pode produzir conflitos quando elementos religiosos associados à manifestação são interpretados a partir de preconceitos (Silva *et al.*, 2023). Nesse sentido, é fundamental que o professor aborde esses temas em suas aulas, contribuindo para o questionamento e a desconstrução de preconceitos.

A tentativa de separar a capoeira de dimensões como ancestralidade, religiosidade, musicalidade e memória pode produzir empobrecimento do conhecimento sobre a prática. A esportivização pode favorecer, em determinados contextos, uma redução da capoeira aos aspectos técnicos, performáticos e físicos, deslocando para segundo plano as dimensões históricas, culturais e ancestrais da prática. Ao mesmo tempo, não se trata de afirmar que toda capoeira seja religiosa ou que exista uma única forma de relação entre capoeira e religiosidade. Trata-se de reconhecer que diferentes tradições e experiências históricas atravessam a manifestação.

Essa questão possui implicações pedagógicas. Se a capoeira for ensinada somente como luta, esporte ou conjunto de técnicas corporais, corre-se o risco de apagar parte dos conhecimentos que construíram sua trajetória. Por isso, defendeu-se, junto ao grupo, a necessidade de uma prática docente crítico-reflexiva, uma vez que atividades relacionadas à capoeira podem reproduzir estereótipos quando desenvolvidas sem a devida problematização histórica e cultural (Cecchetto; Monteiro, 2024).

A experiência do Projeto *Màrìwò*, articulada ao “Tela em Debate”, aproximou essa discussão de uma experiência concreta de valorização da cultura afro-brasileira por meio da capoeira. A prática representada no filme encontrou, no espaço



universitário, uma experiência contemporânea que permitiu pensar a capoeira não apenas como movimento, mas como manifestação cultural e possibilidade educativa.

Cinema e capoeira como instrumentos pedagógicos para uma educação antirracista

O diálogo entre cinema e capoeira constituiu um dos principais elementos formativos da experiência relatada, sendo também um dos temas mais recorrentes entre os participantes da ação extensionista durante a roda de conversa. O cinema possibilitou observar como corpos, práticas e acontecimentos históricos são representados; a capoeira permite aproximar essa representação de uma prática corporal carregada de memória, cultura e conhecimentos.

Na literatura, Almeida (2019) compreende o racismo estrutural como fenômeno relacionado à organização social, política e econômica. Em diálogo com essa perspectiva, Ribeiro (2019) contribui para pensar o antirracismo como prática cotidiana, que exige reconhecer e enfrentar mecanismos de reprodução do racismo. E, mais recente, Cavalleiro (2024) enfatiza a necessidade de formação de professores para o enfrentamento do racismo e valorização das raízes africanas.

Portanto, a educação antirracista não decorre de forma automática da mera exibição de um filme sobre um personagem negro ou da inserção pontual da capoeira em uma atividade. É necessário problematizar representações, contextualizar a história e criar condições para interpretações críticas. Nesse sentido, a roda de conversa realizada após a exibição do filme constituiu elemento fundamental da experiência porque criou oportunidades de diálogo e problematização, possibilitando que os sentidos produzidos diante dele fossem compartilhados dentre todos que estavam ali presentes.

Essa escolha aproxima-se de Freire (1987), para quem a educação não deve ser compreendida como transferência unilateral de conhecimento, mas como encontro e comunicação entre sujeitos. O diálogo, portanto, não apareceu como complemento, mas como parte constitutiva da atividade.



Para os discentes do curso de Educação Física envolvidos no projeto, bem como para os demais extensionistas, a experiência apresentou dimensão formativa ao aproximar sua formação de questões que ultrapassam a compreensão unicamente técnica do corpo e do movimento. A capoeira contribuiu, portanto, para compreender o movimento como manifestação cultural e histórica, enquanto o cinema possibilitou analisar como o corpo e essa prática são representados e significados.

Assim, foi possível construir problematizações durante o debate mostrando que o trabalho pedagógico não se restringiu ao ensino de movimentos, como o cinema também não se limitou à exibição de filmes. Ambos foram abordados como caminhos possíveis de discutir história, cultura, relações étnico-raciais, identidade, religiosidade, desigualdade e resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção do projeto de extensão “Tela em Debate: Cinema, Sociedade e Transformação”, realizada em parceria com o Projeto *Màrìwò* a partir da exibição do filme *Besouro*, proporcionou uma experiência formativa que articulou cinema, corpo, capoeira, cultura afro-brasileira e educação antirracista no contexto universitário.

A análise da experiência sugere que o cinema pode ser utilizado como um importante recurso pedagógico quando associado ao diálogo problematizador e à mediação educativa. Da mesma forma, revelou que a capoeira pode se consolidar como prática corporal carregada de significativos conhecimentos históricos, identitários e educacionais, superando qualquer visão que a reduza à mera transmissão de conteúdo.

Contudo, devemos reconhecer os limites deste relato, a começar pelo tempo reduzido de duração da ação, que evidencia a necessidade imperativa da continuidade de projetos formativos voltados a dialogar com tais temáticas. Outro limite metodológico refere-se à ausência de instrumentos que pudessem mensurar as reflexões dos participantes para além da oralidade, tais como a produção de narrativas escritas, a realização de entrevistas ou a gravação audiovisual dos debates. Ainda



assim, entende-se que a experiência criou condições férteis para o diálogo, a problematização e a formação crítica em torno do cinema, da capoeira, do corpo negro e da educação antirracista.

Por fim, a discussão histórica também mostrou que compreender a capoeira contemporânea exige reconhecer sua trajetória desde o período da escravidão, passando pela criminalização, pela resistência e pela transformação. Nesse sentido, a experiência reforça a importância de uma Educação Física comprometida com a valorização das práticas corporais afro-brasileiras e com a abordagem crítica de suas representações e formas de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264p.

ALVES, Giovanni. O cinema como experiência crítica: tarefas políticas do novo cineclubismo no século XXI. In: ALVES, Giovanni; MACEDO, Felipe (org.). **Cineclube, cinema & educação**. Londrina: Práxis, 2010. p. 7-24.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig; MANSA, Mestre Cobra. A dança da zebra. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 14-21, 2008.

BENATTI, Lucas Men; TERUYA, Teresa Kazuko. Saberes estético-corpóreos em “Alma no Olho” de Zózimo Bulbul: possibilidades para uma educação antirracista. **Perspectiva**, *[S. l.]*, v. 40, n. 3, p. 1–19, 2022. DOI: 10.5007/2175-795X.2022.e86771. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/86771. Acesso em: 17 ago. 2026.

BESOURO. Direção: João Daniel Tikhomiroff. Produção: Caíque Martins Ferreira, D aniel Filho, Eliane Ferreira, Fernando Souza Dias, João Daniel Tikhomiroff, Malu Mir anda, Vicente Amorim. Roteiro: Patrícia Andrade, João Daniel Tikhomiroff. Intérprete s: Aílton Carmo, Adriana Alves, Anderson Santos de Jesus, Jéssica Barbosa, Macal é dos Santos, Flávio Rocha, Irandhir Santos *et al*. Santo Amaro da Purificação (BA), Brasil: Walt Disney Studios Motion Pictures/Programa Petrobrás Cultural, 2009. 1 DV D (120 min.).

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In.: Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica. **Revista Brasileira**



de Educação, 1ª ed., p. 20-28, 2002. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract. Acesso em: 17 ago. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 17 ago. 2026.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. 7. ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2024.

CECCHETTO, Jacqueline Rodrigues; MONTEIRO, Luana. “Quem é esse negro na senzala?”: por uma educação antirracista nas aulas de Capoeira. **Conexões**, Campinas, SP, v. 21, n. 00, p. e023037, 2024. DOI: 10.20396/conex.v21i00.8674556. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8674556. Acesso em: 17 ago. 2026.

FERREIRA, Rodrigo de Almeida. **Luz, câmera e história**: práticas de ensino com o cinema. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 167–182, jan. 2003.

MACHADO, Tatiane Trindade; SANTOS, Karine dos Anjos; ALVES, Thaise Melo de Almeida; FELDENS, Dinamara Garcia. Capoeira, corpo e cinema: uma análise do filme Besouro. **Revista Livre de Cinema**, v. 10, n. 2, p. 92-111, jan./mar. 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8027239. Disponível: https://relici.org.br/index.php/relici/article/view/578/0. Acesso em: 17 ago. 2026.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p.



60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010. Acesso em: 17 ago. 2026.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

NÓBREGA, Hélder Paulo Cordeiro da. O cinema como linguagem para uma educação antirracista: o caso M8 e Menino 23. **Temática**, *[S. l.]*, v. 19, n. 2, p. 90–105, 2023. DOI: 10.22478/ufpb.1807-8931.2023v19n2.65558. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/65558. Acesso em: 17 ago. 2026.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Paula Cristina da Costa; RIGONI, Ana Carolina Capellini; MENDONÇA, Giuliano Pablo Almeida; TOLEDO, Eliana de. O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de Educação Física escolar (Parte I). **Cadernos de Formação RBCE**, v 14 n 2, p. 79-92, set. 2023. Disponível em: https://rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/view/2632. Acesso em: 17 ago. 2026.

SÍVERES, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. In: SÍVERES, Luiz (org.). **A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília, DF: Liber Livro, 2013. p. 19-32.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Regulamento de inserção curricular da extensão (RICEX) do curso de Educação Física**. Anápolis: UEG, 2023. Disponível em:https://www.ueg.br/itumbiara/conteudo/9426_apendice_e___regulamento_curricularizacao_de_extensao__rce. Acesso em: 21 abr. 2026.

VASCONCELOS, José Geraldo; XAVIER, Antônio Roberto; CUNHA, Fernanda Lelpo da. Besouro Mangangá: vitrais biográficos de Manuel Henrique Pereira e a arte da capoeiragem em Santo Amaro da Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, *[S. l.]*, v. 10, n. 25, p. e1262, 2025. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2025.v10.n25.e1262. Disponível em: https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/24754. Acesso em: 17 ago. 2026.